

blanquenda 90 caixa para guardar o vazio o escritório vermelho

jardins de maputo

trocar livros nos

fundação José Saramago mensal nov/dez 2019

José Saramago e o género

Editorial

**«O MUNDO SÓ MELHORARÁ QUANDO
FORMOS TODOS MULATOS»**

Leituras

SARA FIGUEIREDO COSTA

Estante

ANDREIA BRITES E SARA FIGUEIREDO COSTA

MAPUTO

SARA FIGUEIREDO COSTA

O escritório vermelho

ANDREA ZAMORANO

a caixa

And the winner is...

Espelho meu

ANDREIA BRITES

saramaguiana

***LER JOSÉ SARAMAGO NUMA
PERSPECTIVA DE GÉNERO***

PILAR DEL RÍO

AGENDA

Epígrafe

JOSÉ SARAMAGO

blimunda n.º 90 novembro/dezembro 2019

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO

Fundação José Saramago

NIPC

508 209 307

SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO

Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation
Casa dos Bicos

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here

Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb Mon to Sat 10-18h 10 am to 6 pm



EDITORIAL

«O MUNDO SÓ MELHORARÁ QUANDO FORMOS TODOS MULATOS»

Visitar o país em representação da Fundação José Saramago é sempre um momento único de perceção da importância que as palavras e as ideias de José Saramago têm, hoje, junto dos seus leitores, dos seus estudiosos, de cidadãos e cidadãs que continuam a encontrar na sua voz um porto seguro diante dos atropelos que cada vez com maior frequência vão acontecendo aos direitos humanos, dos coletivos aos individuais.

O que se viveu em Maputo no passado mês de outubro foi mais um testemunho do que acima ficou escrito.

Integrada no Festival de Teatro Ahoje é Ahoje, organizado pelo Teatro Avenida, pelo Mutumbela Gogo e pelo Trigo Limpo Teatro/ACERT, foi na capital moçambicana que se realizou a apresentação de dois livros de José Saramago, o seu *Último Caderno de Lanzarote* e a edição especial de *O Conto da Ilha Desconhecida*, resultado de uma parceria entre as titulares dos direitos de autor de José Saramago, a Fundação que leva o seu nome, a Porto Editora e várias livrarias, que culminou com a entrega de uma verba a rondar os 15 mil euros para a Cruz Vermelha portuguesa apoiar a população moçambicana depois da

passagem do Ciclone Idai. E nessa sessão, numa conversa com Calane da Silva, foi finalmente tornada pública uma entrevista dada por José Saramago a este jornalista e escritor moçambicano e que até agora é inédita, planeando-se a sua publicação num próximo número da *Blimunda*. Como título da entrevista, uma frase de José Saramago, «O mundo só melhorará quando formos todos mulatos».

E, de facto, pisando terras moçambicanas, terras de um país em construção, tem-se com mais força essa noção de que o mundo precisa de ser encarado de outra forma, levando com essa mudança a uma viragem de paradigma, aproximando seres humanos que as fronteiras, muitas delas fictícias, e as bandeiras teimam em afastar. E para isso bastaria por exemplo recordar a visita que a Fundação realizou a duas escolas de Maputo, a Escola Portuguesa e a Escola Primária Completa Ntwanu, espaços onde crianças de origens diferentes encontram, apesar das diferenças de condições físicas, a mesma vontade de evoluir, aceitando a educação como forma de atingir novos e melhores patamares de desenvolvimento. Ou no bairro de Mavalane, onde um festival de teatro de rua transforma um bairro pobre num palco de alegria para os mais pequenos e para os mais velhos, dando novos sentidos à palavra e à ideia de comunidade.

De facto, sair da nossa ilha é contemplar o mundo. E esta passagem por Moçambique, de que também se fala noutras páginas desta edição da *Blimunda*, só o comprova.

SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS



José Mário Branco

Com as canções mostra-se o estado em que se está e o estado em que isto está.

José Mário Branco morreu no passado mês de novembro, deixando muitas marcas de homenagem, comoção e gratidão na imprensa e na rádio. O *Público* dedicou-lhe a capa da edição impressa do dia seguinte à morte do cantor e compositor, no dia 19 de novembro, transitando vários dos textos publicados em papel para a edição online, juntamente com outros conteúdos, como fotografias, vídeos e as reações de várias personalidades. Um desses textos, justamente intitulado «José Mário Branco, um gigante que se foi da lei da morte libertando», é de Nuno Pacheco, e percorre a biografia de José Mário Branco, assinalando os seus tantos contributos para a música, a cultura e a sociedade portuguesas, bem como a inquietação que nunca deixou de acompanhar-lhe os dias: «Em 2006, ele que na juventude passara da Faculdade de Economia do Porto para estudar História em Coimbra, iniciou uma licenciatura em Linguística na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, onde foi considerado o melhor aluno do seu curso. Sempre a sede de ir mais longe, do conhecimento. O contraste de preto e branco que marcou os seus discos (são os olhos dele, um na claridade outro na penumbra, que nos fitam em

Mudam-se os Tempos) justificou-o ele desta forma: a noite (e tanto aludiu a esta imagem) seria “a ignorância, o não-conhecimento.” Contra ela, trava-se “a luta mais antiga que existe: a do homem para deixar de ser um bicho.”» Na rádio, na *TSF*, Fernando Alves ocupou a sua rubrica «Sinais» com um texto profundamente afetuoso, onde relembra a história contada pelo próprio músico, na antena da rádio, sobre o dia em que o pai o encontrou a chorar abraçado a um aparelho radiofónico que emitia um minueto de Luigi Boccherini. Uma parte da crónica pode ler-se on-line, mas o que vale a pena é escutá-la na íntegra, no link disponibilizado pela *TSF*.

Outros órgãos de comunicação social recuperaram artigos e entrevistas mais antigos, como a *Blitz*, que voltou a publicar uma entrevista feita por Rui Miguel Abreu em abril de 2011, e onde o músico dizia, entre outras coisas, que a «música, como toda a arte que sai de uma comunidade social, é, ao mesmo tempo, uma encomenda dessa comunidade, mas também há, como se diz agora muito, um valor acrescentado, qualquer coisa que se devolve à comunidade para se fazer sobressair aspetos dessa vivência de comunidade. As canções dessa geração de cantores foram a expressão das várias mudanças que já estavam a ocorrer nas várias camadas da sociedade portuguesa e ao mesmo tempo foram propostas de uma visão dessas mudanças. As canções que eu fiz e gravei nessa época, como as que fiz e gravei mais tarde, são as tentativas de expressão universalizada daquilo que eu vivia

e sentia: “Eu, membro de uma comunidade, jovem que em 74 tinha 32 anos, que tinha 19 anos quando começou a guerra colonial, que recusei participar nessa guerra”. Com as canções mostra-se o estado em que se está e o estado em que isto está.» E tanto que nos devolveu José Mário Branco. ▶ ▶ ▶ ▶

O espaço da literatura brasileira
É literatura produzida fora dos grandes centros urbanos, nas regiões de sertão, por membros pouco representados e periféricos da sociedade brasileira (negros, mulheres, pobres, homossexuais e indígenas).

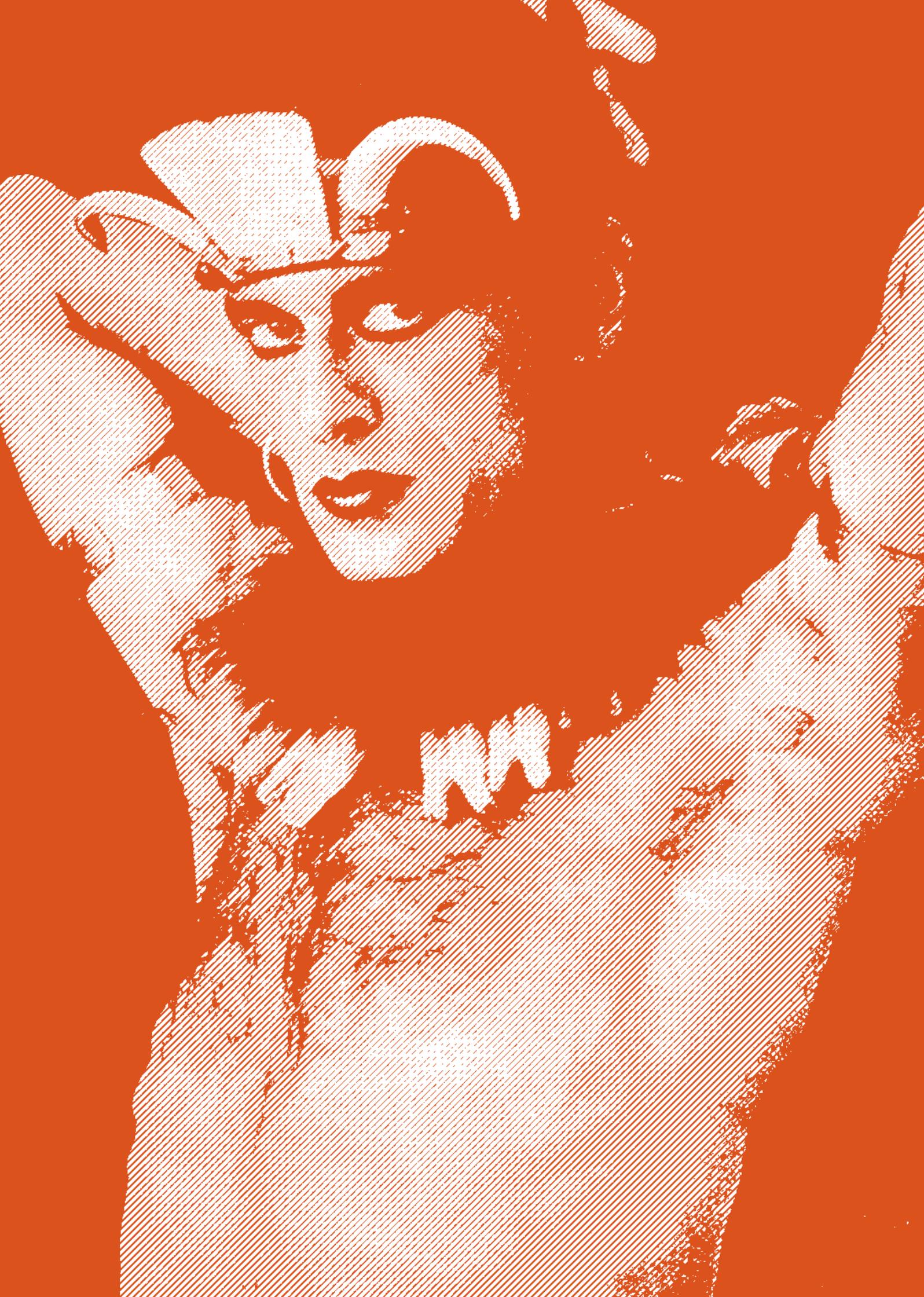
Na revista *Cult*, Fred Di Giacomo Rocha escreve sobre a ascensão de uma nova geração na literatura brasileira, não necessariamente definida por uma faixa etária, mas antes pela origem. Nos últimos anos, prémios importantes como o Jabuti ou o Prémio Paraná de Literatura distinguiram os trabalhos de mulheres, negros, homossexuais, habitantes das periferias no sentido geográfico, mas também

social. «Até então, a literatura brasileira dos anos da redemocratização e da chamada Nova República tinha cara, gênero e classe social: era dominada por autores homens, brancos, “não-jovens”, ricos e heterossexuais nascidos nos grandes centros urbanos das regiões sul-sudeste do país. Seu estilo muitas vezes privilegiava a autoficção e sua temática estava mais focada nos dramas internos e no fluxo psicológico do que em grandes acontecimentos ou na narrativa romanesca tradicional. A oposição binária a isso seria a “literatura periférica/marginal” dos artistas das favelas brasileiras, também vindos dos grandes centros urbanos do sudeste e, muitas vezes, produzindo prosa autobiográfica e protagonizada por homens heterossexuais. Exceção feita para a mineira Ana Maria Gonçalves, escritora afro-brasileira, e seu *Um defeito de cor* (2006), espécie de madrinha espiritual desta geração que escreve “histórias de dimensão épica e sobre um Brasil profundo” como definiu o escritor Krishna Monteiro, ele próprio um autor negro, nascido no interior do Paraná e cujo livro de estreia *O que não existe mais* (Tordesilhas) foi finalista do Prêmio Jabuti.» Esta ocupação dos lugares de destaque por novos protagonistas, até agora afastados do espaço literário canônico, tem os inevitáveis contornos políticos, que passarão pela conquista da fala – e é disso que se trata, quando esse direito à fala sempre esteve vedado, na literatura como noutros espaços, a quem não cumpria um determinado padrão social – e de tempo de antena, mas é também uma

mudança que trará necessariamente novos contornos à literatura que se cria no Brasil: «É literatura produzida fora dos grandes centros urbanos, nas regiões de sertão, por membros pouco representados e periféricos da sociedade brasileira (negros, mulheres, pobres, homossexuais e indígenas) e que rejeita a exclusividade do binarismo “periferia urbana – centro urbano”, apresentando uma pluralidade de regiões, sotaques, cores e perspectivas de um país continental.» ▶

Corpo, performance e política
O gestual de inconveniência do cantor e dos espectadores foi e continua sendo uma forma paralela de resistência política a autoritarismos e a perseguições tradicionalmente preconceituosas.

No suplemento *Pernambuco*, Silvano Santiago, conhecido crítico e acadêmico brasileiro, escreve um longo ensaio sobre o corpo enquanto motor de performance, analisando de modo detalhado e reflexivo o caso do cantor Ney Matogrosso, as suas exhibições em palco e as leituras políticas que essa performatividade pode assumir. Um excerto:



«Contemplemos o corpo do cantor Ney Matogrosso em performance no estádio repleto do Maracanã, em 1973, ou na telinha da TV Tupi, no mesmo ano. Interpreta a canção Sangue latino, de João Ricardo e Paulinho Mendonça. Apesar de não ter sido prevista por ideário ideológico nem programada por partido político, a imagem ao vivo do corpo inconveniente do cantor no palco (ou em gravação transmitida por canal de televisão ou por videocassete) alcança as gerações contemporâneas e futuras de jovens, e as seduz. É tal o poder da imagem ao vivo do cantor – diante da plateia enlouquecida do Maracanã ou do jovem espectador no quarto de dormir –, que ela redundava numa conquista de participação política popular e indireta que, já na fase de “abertura” do processo de democratização do país, se transforma em projeto sociopolítico da juventude brasileira, que se afiança por inesperadas vitórias na luta dos grupos marginalizados, ou sem voz ativa, pela cidadania identitária. Em 2019, as primeiras vitórias da cidadania civil, datadas de meados do século passado, já se apresentam como enraizadas e em vias de serem absorvidas pelos poderes Legislativo e Judiciário; em suma, pela sociedade brasileira como um todo.

No entanto, a reação conservadora sustentada pelo governo Jair Bolsonaro julga que, na condução do processo político democrático brasileiro, as conquistas dos grupos marginalizados, ou sem voz ativa, têm de ser erradicadas das leis de direito das cidadãs e dos cidadãos em virtude de serem tão indecorosas quanto o

gestual público de inconveniência do corpo do artista. Na verdade, hoje se percebe melhor como, no palco da arte e no palco da vida, o gestual de inconveniência do cantor e dos espectadores foi e continua sendo uma forma paralela de resistência política a autoritarismos e a perseguições tradicionalmente preconceituosas, acentuados desde o golpe militar de 1964.» ▶

Violência policial na Favela da Maré
"Senhores juízes, quando vocês mandam ter operação aqui na Maré, os policiais nem avisam. Eles entram de helicóptero dando tiro de uma cima para baixo. Parece que não tem educação com os moradores".

A associação Redes da Maré, que trabalha na favela da Maré, no Rio de Janeiro, reuniu cerca de mil e quinhentas cartas e desenhos feitos pelas crianças que habitam esse espaço. Às cartas e desenhos juntou uma petição para que fosse restabelecida uma ação civil pública que regulamente e restrinja as operações policiais, uma constante daquela e de outras favelas. Os textos e

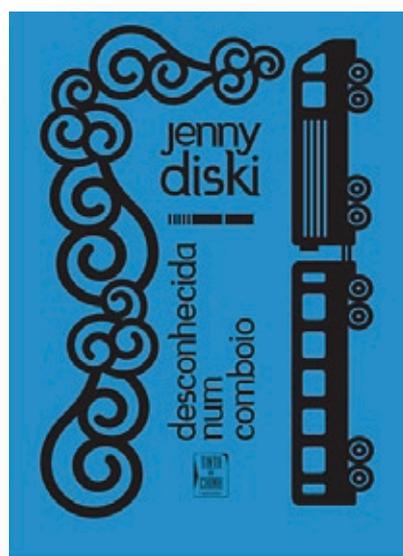
imagens criados pelas crianças constituem um retrato intenso do cotidiano dos moradores, permitindo perceber a dimensão do impacto que as entradas violentas e indiscriminadas da polícia têm no desenvolvimento dos elementos mais novos da comunidade. O El País Brasil publica algumas das cartas e desenhos: «A favela tem medo. E vive situações de verdadeiro pânico. Ainda segundo o boletim publicado pela ONG, quatro operações policiais utilizaram helicópteros — o chamado "caveirão voador" — como plataforma de tiro apenas no primeiro semestre de 2019. É o mesmo número de operações de 2017 e 2018 somados. "Senhores juízes, quando vocês mandam ter operação aqui na Maré, os policiais nem avisam. Eles entram de helicóptero dando tiro de uma cima para baixo. Parece que não tem educação com os moradores", escreveu outra criança. Das 15 mortes ocorridas em dias de operação policial neste ano, 14 ocorreram quando utilizavam a aeronave. "Quando tem operação, nenhum dos moradores fica na rua porque já sabe que os policiais vão matá-los. Também pensam que nós somos bandidos", conclui a criança.».



SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS

Avançar em círculos



DESCONHECIDA NUM COMBOIO

JENNY DISKI

TINTA DA CHINA

Tradução de Rita Almeida Simões

Esta é uma viagem longa sobre carris, que atravessa os Estados Unidos da América em modo circular, mas é também uma viagem que começa nas águas do Atlântico, a bordo de um cargueiro, ou na vontade de viajar pelos Estados Unidos da América, usando a escrita de um livro como pretexto, ou ainda nas muitas viagens mais antigas no metro de Londres. Talvez este seja um livro de viagens atípico, menos interessado na descrição dos lugares do

que nas pessoas, descrevendo uma determinada viagem com a consciência aguda de que nenhuma viagem é só o seu percurso e o modo de o cumprir.

A escritora inglesa Jenny Diski parte para os EUA decidida a percorrer o território, traçando uma espécie de circunferência pelas linhas férreas disponíveis. E parte a bordo de um cargueiro, ainda antes dos carris, integrando essa primeira parte da viagem na narrativa e usando-a para partilhar algumas reflexões sobre si própria: «Viajar sem objetivo definido é um empreendimento objetivo. Fui eu que me propus fazer uma viagem marítima prolongada. O destino pouco me importava.» (pg.41) E, mais adiante: «Era um exercício de privação sensorial, acho eu. Para descobrir o que acontecia quando um dia sucedia a outro, uma milha marítima se seguia a outra, e cada qual era precisamente igual ao anterior. O que restava a uma pessoa, quando a paisagem não era senão a curva do horizonte e não havia a expectativa de chegar onde desejava? Como era quando depois de um dia vinha outro, quando só a rotina exigida pelas necessidades humanas de comer e dormir nos distinguiam do ambiente circundante, cujo ritmo era marcado pura e simplesmente pelo nascer e pôr do sol? Para ser mais exata, o caso não era tanto eu pensar como seria, mas essas serem precisamente as condições em que eu queria estar.» (p.42)

Chegada a Tampa, na Flórida, Diski trata de assegurar os percursos e ligações para a primeira das duas viagens por via férrea que compõem este livro. Resolvidos alguns

imprevistos envolvendo a Amtrak, empresa que gere toda a circulação ferroviária norte-americana, a autora entra finalmente no comboio que a levará a Phoenix e o livro começa a ganhar a sua estrutura, que assenta nas viagens programadas, mas igualmente naquilo que a narradora vai revelando sobre si. «Muito do que descrevo neste livro tem por base o facto de eu ser fumadora. Os cigarros e o meu desejo de fumar constituíam os ruidosos carris do meu raciocínio, enquanto viajava.» (p.66) A frase pode parecer uma afirmação política, em tom de quem não tem grande apreço pelas convenções que ditam que já não se pode glorificar o fumo dos cigarros, muito menos associá-lo à criação artística ou literária, sem que uma brigada de saudáveis preocupados com a hipótese da vida eterna escapar aos fumadores se atirem ao texto... Na verdade, Diski descreve muito realisticamente nestas linhas aquilo que vamos constatar ao longo das quase trezentas páginas que se lhes seguem: será nos compartimentos de fumadores que a autora passará parte considerável do seu tempo a bordo dos diferentes comboios que utiliza nas duas viagens descritas neste livro e a vontade de fumar, bem como a impossibilidade de o fazer em algumas ocasiões, é o gatilho para algumas das mais interessantes reflexões que povoam o texto, sempre a partir das narrativas que os outros passageiros partilham consigo, por vezes sem o saberem. Os dramas amorosos, as doenças, os traumas, as expectativas, tudo tão errático como a pontualidade dos comboios norte-americanos. E

depois há a fuga dos carris, quando Diski decide visitar, na segunda viagem de comboio, uma mulher que conheceu na viagem anterior. Em casa de Bet, num subúrbio de Albuquerque, a autora enfrenta os seus fantasmas num registo que oscila entre a psicose e um auto-humor intenso, percebendo que o desvio talvez tenha sido um erro e que a única forma de apaziguar as suas inquietações é continuar nos carris e cumprir o trajeto definido.

Desconhecida Num Comboio não é um livro sobre os Estados Unidos da América, ou sobre como uma britânica vê esse país. Esses olhares estão assegurados, ainda que de um modo divertidamente enviesado – umas vezes por via do cinema, dos livros ou da música, outras com recurso às histórias de vida das pessoas com quem a autora se cruza nos comboios –, mas o livro de Jenny Diski é uma daquelas travessias pessoais onde a paisagem interfere, e serve de eco, mas cujo percurso se faz por dentro da cabeça. Durante toda a viagem pelos Estados Unidos, é uma outra viagem que ecoa nos seus gestos, a viagem que repetiu até à exaustão durante a adolescência, sentada na linha circular do metro londrino, a queimar tempo para não ter de estar em casa, onde o ambiente era irrespirável. Seria o pior dos motivos para se viajar, mas acabou por permitir um livro capaz de nos refletir, viajantes ou aspirantes a tal, nesse movimento que parece ser de deambulação pelo mundo, mas que é sempre, queiramos ou não, de equilíbrio instável dentro de nós.

ANDREIA
BRITES

SARA FIGUEIREDO
COSTA

ESTANTE

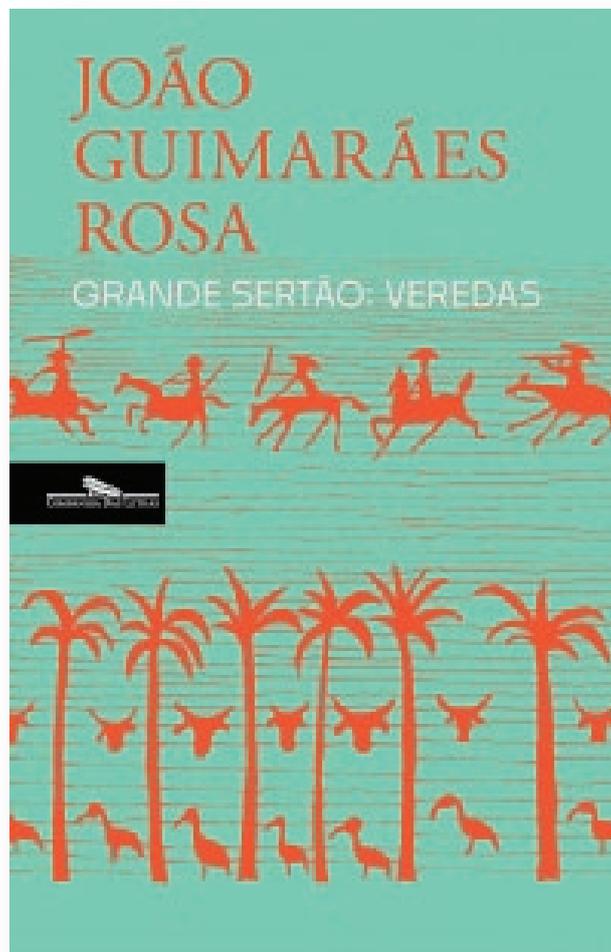


O COLECCIONADOR DE TIJOLOS

PEDRO BURGOS

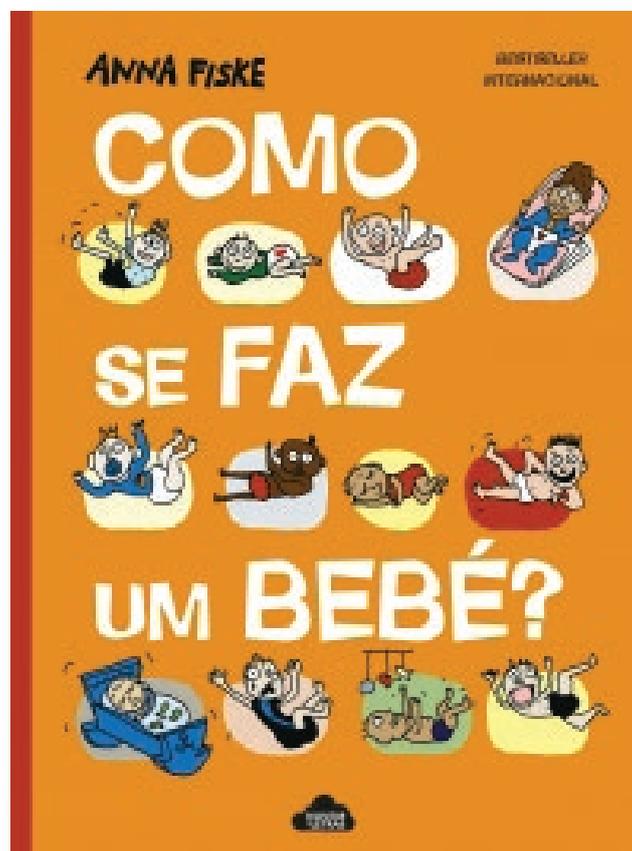
CHILI COM CARNE

A nova entrega da colecção Rubi traz um trabalho de Pedro Burgos sobre Lisboa e os seus quotidianos nos anos da troika, da crise financeira e do desnorte total. A narrativa em banda desenhada cruza várias personagens e as respectivas histórias e tem na cidade, concretamente na volumetria da sua construção e nos efeitos que o tempo e a crise aí produzem, uma metáfora visual muito forte.



GRANDE SERTÃO VEREDAS
JOÃO GUIMARÃES ROSA
COMPANHIA DAS LETRAS

Originalmente publicado em 1956, o grande monumento que mudou tantos paradigmas literários tem finalmente uma edição portuguesa. O coração deste sertão é o da paisagem e dos jagunços, mas é também o da luta entre o ser humano e o espaço, o ser humano e o tempo. Sem lampejos regionalistas nem vontades etnográficas, a escrita de Guimarães Rosa será sobre o sertão e quem o habita, mas é sobretudo sobre as travessias, os tropeções e os inevitáveis obstáculos que compõem a nossa paisagem comum.

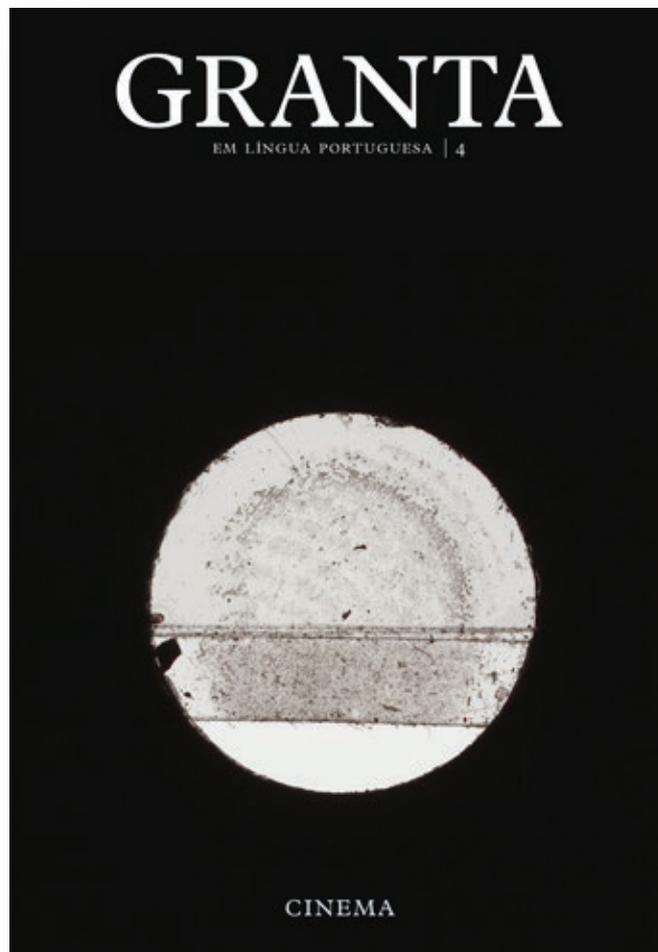


COMO SE FAZ UM BEBÉ?

ANNA FISKE

NUVEM DE LETRAS

O tema é didático. Mas não há razão para ser tratado de forma asséptica, como a autora tão bem demonstra, quer no texto, quer na ilustração. O cuidado com as afirmações, recusando perspectivas absolutas, a associação do amor à relação sexual, a diversidade sempre presente dão a este livro uma abertura de mentalidades essencial para que todos se vejam representados. Da identidade de género às escolhas sexuais, o livro chega às formas de engravidar, tendo em conta a inseminação artificial. Depois centra-se no desenvolvimento da gravidez até ao parto, sem esquecer a adopção, quando conclui com a imagem da família.



GRANTA #4

VVAA

TINTA DA CHINA

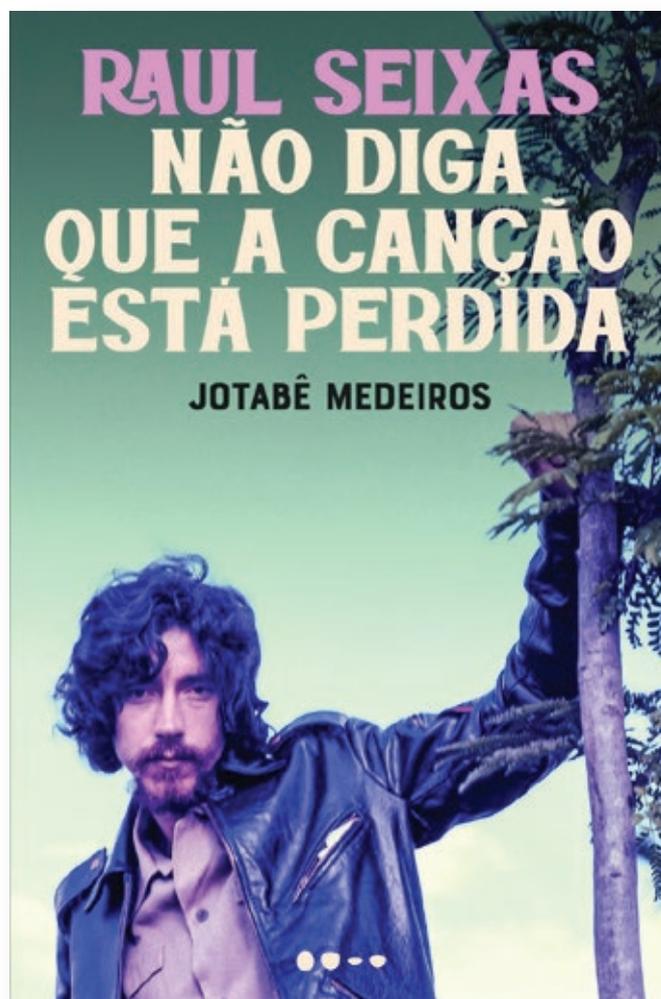
A mais recente edição da Granta Portugal-Brasil tem o cinema como tema de capa. Lá dentro, contos e outros textos de João Miguel Fernandes Jorge, Marçal Aquino, Roberto Bolaño, Aoko Matsuda, Clara Rowland e Veronica Stigger, entre outros. Os ensaios fotográficos deste número ficaram a cargo de Inês d'Orey e Letícia Ramos.



A TUA CABEÇA É COMO O CÉU

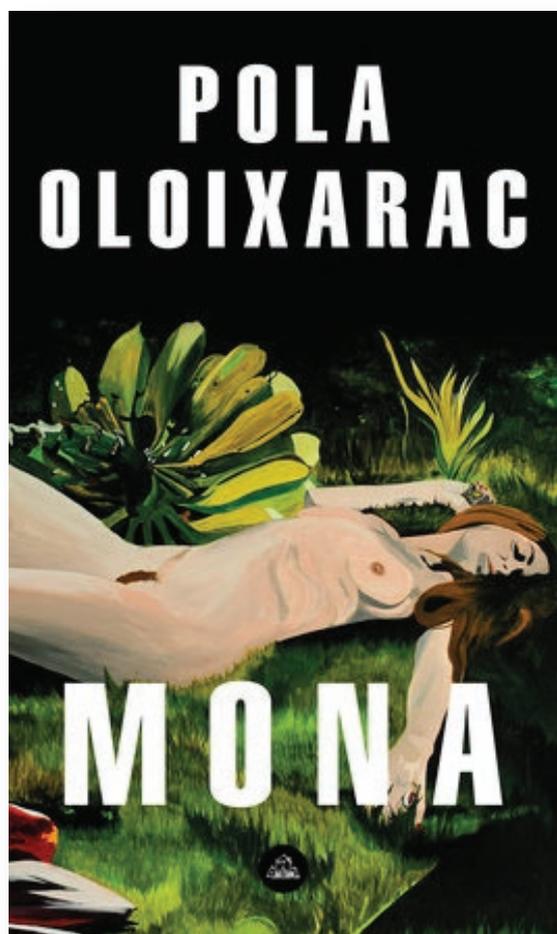
**BRONWEN BALLARD,
LAURA CARLIN
FÁBULA**

Mais do que explorar os pensamentos, este livro apresenta imagens bastante rígidas sobre os pensamentos felizes e os que provocam sensações e sentimentos negativos. Progredindo na narração, surge uma proposta de caminho para combater ou contornar os maléficos. No final, é dado um conjunto de sugestões para treinar o *mindfulness* com as crianças. As ilustrações de Laura Carlin são o elemento mais interessante do livro pelo trabalho com a cor, com as formas e os contornos alternados.



***RAUL SEIXAS – NÃO DIGA QUE A CANÇÃO
ESTÁ PERDIDA***
JOTABÊ MEDEIROS
TODAVIA

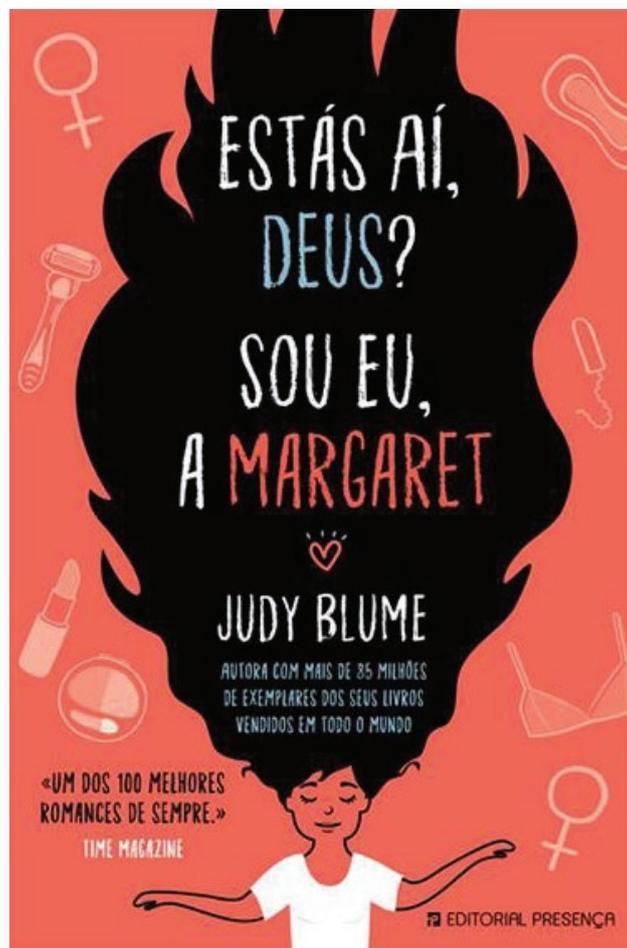
Raul Seixas é um dos grandes vultos da música brasileira do século XX, sendo igualmente um ícone da chamada cultura popular, envolto numa admiração colectiva que os tombos da sua biografia e o seu desaparecimento precoce ajudaram a criar. Agora, o crítico musical Jotabê Medeiros traça-lhe o percurso de vida, olhando para o trabalho musical, as letras e as gravações, sem esquecer os episódios biográficos e a sua relação com a vida social, cultural e política do Brasil das décadas de 60, 70 e 80.



MONA

POLA OLOIXARAC
RANDOM HOUSE

O novo romance da escritora argentina tem na literatura e nas suas vertentes mais mediáticas e mundanas o cenário principal. Entre a encenação constante vivida por uma escritora peruana, nomeada para um prêmio, numa residência literária onde estão outros escritores, e a descida aos infernos dessa mesma escritora na sua relação com a escrita, e na relação desta com a memória, são as duas linhas narrativas que estruturam esta história.



ESTÁS AÍ, DEUS? SOU EU, A MARGARET

JUDY BLUME
PRESENÇA

O título pode induzir em erro: não se trata de um livro de auto-ajuda ou nada semelhante. Apenas vai buscar uma frase icónica da protagonista, a pré-adolescente Margaret de quase 12 anos quando está em cuidados e fala silenciosamente com Deus para lhe pedir algo. E Margaret tem de recorrer várias vezes ao divino devido a acidentes domésticos, provações sociais, ausências, divergências e temores vários. É uma rapariga que acaba de mudar de Nova Iorque para Nova Jersey é que desconfia que os pais o fizeram sem sequer a consultarem para a afastar da avó.

*trocar
livros,
versos
e ideias
nos
jardins
de*

*ma
pu
to*

*sara
figueiredo
costa*

Entre os dias 26 de outubro e 6 de novembro, em Maputo, o festival **Ahoje É Ahoje espalhou teatro, música, leituras e outros encontros por diferentes locais da cidade. Celebrando os trinta e três anos do grupo moçambicano de teatro Mutumbela Gogo, o festival chamou à capital moçambicana atores, artistas e músicos de Portugal, da Galiza e de França. A Associação Cultural e Recreativa de Tondela, através do seu grupo Trigo Limpo teatro ACERT, foi um dos parceiros deste festival, apresentando vários espetáculos, entre eles o 20 Dizer, onde a poesia e a música se cruzam. E foi esse espetáculo, que haveria de repetir-se no espaço Sabura, a inaugurar a primeira de muitas partilhas internacionais neste Ahoje É Ahoje.**

O programa do festival começou com uma sessão do Clube do Livro de Maputo (CLM), estrutura informal que tem espalhado a promoção da leitura por Moçambique e que acolheu, nesta sua sessão especial, a participação do espetáculo *20 Dizer*, do Trigo Limpo teatro ACERT. No Parque dos Continuadores, no centro da capital moçambicana, o público misturava elementos do CLM com vários participantes do festival, moçambicanos e portugueses. E entre as árvores da esplanada que ajudavam a amenizar o calor, o crítico e professor de literatura Nataniel Ngomane apresentou o Clube do Livro aos espectadores que com ele contactavam pela primeira vez: «O Clube do Livro é uma associação de pessoas que gostam de ler, que gostam de fazê-lo em conjunto e de trocar ideias sobre os livros que leem.» A estrutura é informal, mas nem por isso deixa de contar com uma organização na qual participam vários estudantes universitários, todos frequentadores habituais das sessões semanais de leitura coletiva.

Nataniel foi curador da Exposição Itinerante de Língua Portuguesa, em Maputo, organizada pelo Museu da Língua de São Paulo. Precisava de um grupo de estudantes que fossem guias e mediadores na exposição, e que para isso receberam formação,

e foi desse grupo que nasceu, mais tarde, um novo projeto. Em novembro do ano passado, encontraram-se para uma conversa informal de balanço e foi assim que surgiu o Clube do Livro de Maputo, da vontade desse grupo continuar a encontrar-se e a discutir a partir dos livros. E ficou decidido que os encontros do clube se fariam em lugares públicos, para que quem quisesse pudesse participar. «Há poucos leitores em Moçambique, pouco hábito de ir para a biblioteca ou à livraria. Já não há aquela coisa que havia quando eu era jovem, de entrarmos na biblioteca ao sábado de manhã e ficarmos a ler o Tintim ou o Astérix até sermos expulsos, às três da tarde, quando fechava», conta Nataniel. Com o Clube do Livro, que começou em Maputo e, neste momento, é uma espécie de movimento a espalhar-se pelo país e a chegar a escolas, universidades, bairros e comunidades, espera-se contrariar este abandono da leitura: «Já conseguimos mais parcerias para enviarmos livros para os clubes que estão distantes da capital. Porque Maputo, sim, tem editoras, tem livrarias, tem distribuidores, mas os outros sítios não têm e há muita escassez de livros. De certa forma, estamos a conseguir fazer alguma coisa.»







Os membros do CLM encontram-se todas as sextas-feiras. «Só falhámos quando esteve cá o Papa», diz Nataniel, referindo-se à visita do Papa a Moçambique, em setembro deste ano, «chovia muito, nesse dia...». Entretanto, apareceram Clubes do Livro em Cabo Delgado, em Massinga, na Zambézia, em Xai Xai, em Nampula... «Aos sábados, entre as 14 e as 16 horas, encontram-se todos os clubes que já há no país, e são muitos. Só nós é que nos encontramos à sexta-feira, mas este mês foi exceção, para participarmos no Ahoje É Ahoje. E há sempre três ou quatro novos membros em cada sessão. Temos parcerias com a Fundação Leite Couto, com a Universidade Pedagógica — que nos disponibiliza uma caixa de livros, que podemos levar para os encontros, para emprestar a quem não tem o livro — e também com pessoas individuais, que já fizeram várias doações.» O método é simples: encontram-se no local combinado, que pode ser um jardim, uma praça, um recanto qualquer da cidade, cada um lê o seu livro durante uma hora, uma hora e meia, e depois discutem ideias sobre o que leram.

Para além dos livros que cada um lê semanalmente, os membros do CLM escolhem, no início de cada mês, um livro para toda a gente ler. No fim do mês, o autor vem à sessão sobre o respetivo livro (se for possível).

«Fizemos isso com o Suleiman Cassamo, depois com a Paulina Chiziane... em casa da Paulina, éramos sessenta e seis pessoas! Em casa do Mia Couto, fomos cento e cinquenta e quatro! E já fizemos isso com vários autores», conta Nataniel. O autor deste mês é Aníbal Aleluia. «Escolhemos porque tem sido muito esquecido. Foi jornalista, entre outros jornais, do *Brado Africano*. Pessoalmente, acho que é o melhor ficcionista de Moçambique. Podem dizer que eu disse isto», afirma, convicto.

Henrique Aníbal Aleluia, que também assinou vários trabalhos com os pseudónimos Roberto Amado, Augusto António e Bin Adam, nasceu em 1926, em Inhambane. Em 1987, publica o livro *Mbelele e Outros Contos*, morrendo seis anos depois que mais nenhum livro fosse publicado. É depois da sua morte que surge *O Gajo e os Outros* e *Contos do Fantástico*, ambos comentados nesta sessão do Clube do Livro. «Talvez a complexidade da linguagem tenha afugentado algumas pessoas... A linguagem de Aníbal Aleluia é bastante complexa, extremamente rebuscada. Creio que *O Gajo e os Outros* é o livro mais lido dele e chegou a ter uma segunda edição. *Contos de Fantástico* é pouco lido, mas é muito bom, realmente muito bom», assegura Nataniel. Na roda de participantes, há quem comente as suas

leituras de Aníbal Aleluia, e a conversa vai andando e tocando os temas da riqueza lexical, do olhar atento sobre a realidade moçambicana, do modo universal de compreender pessoas e transformá-las em personagens. Quando o debate chega às influências, é o nome de João Guimarães Rosa que surge, apontado por uma das estudantes que participa na sessão de hoje. E o debate torna-se aceso, com Nataniel a contestar a ideia das fontes literárias assumida enquanto explicação cabal para a obra de um determinado autor, sobretudo se esse autor não for europeu ou norte-americano... «Acho que não existem fontes que façam um escritor. Um escritor faz-se a si mesmo com aquilo que tem à sua volta, com a sua prática, o seu conhecimento. Pode seguir uma determinada linha, onde estão outros, claro... Essa coisa veio lá com os europeus mais antigos, franceses, que não saíam da ideia das fontes e das influências. Até costumamos fazer uma piada que diz que Mia Couto escreve assim porque leu Luandino [Vieira], Luandino escreve assim porque leu Guimarães [Rosa], Guimarães porque leu William Faulkner, Faulkner porque leu Virginia Woolf, Woolf que leu James Joyce, e Joyce que não leu ninguém, porque era europeu. Claro que há relações entre as escritas de muitas pessoas, mas não é isso que esclarece a escrita de ninguém.»

À sombra das árvores do Parque dos Continuadores, a conversa sobre Aníbal Aleluia estendeu-se por mais de uma hora, antes de entrar em cena a voz de José Rui Martins e a flauta de Luísa Vieira — que também tocou algumas percussões e a mbira, instrumento tradicional com origem no povo shona — protagonistas do espetáculo 20 Dizer. Sophia de Mello Breyner, Mia Couto, Eduardo Galeano, Zé da Luz e vários outros poetas tiveram os seus versos ditos, partilhados e misturados, cruzando-se gramáticas poéticas e musicais num gesto que ilustra a ideia que também atravessa a programação do Ahoje É Ahoje: a ideia de o mundo ser um pouco mais pequeno quando nos dispomos ao encontro, à curiosidade, à vontade de escutar e compreender. Exatamente o que procura fazer o Clube do Livro em cada sessão, esperando que a leitura seja um espaço de mudança, criação e pensamento crítico.

fotografias de Sílvia Leão

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



Fundação
José Saramago





AMIGO DE
SARAMAGO
SEJA AMIGO DA
FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
E DESFRUTE
DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org

 Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org

assine o
suplemento pernambuco

anual — R\$ 60
bianual — R\$ 100





CASA JOSÉ
SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS

A Casa da Andrea

O

ESCRI—

TÓRIO

VERMELHO

Andrea Zamorano

N

a minha frente, o gabinete vermelho como se outra cor em todo o universo não pu-desse ocupar o local onde trabalha Pilar. A secretária de madeira esguia é o seu centro. Num cantinho dessa mesma mesa, preso a um monte de papeis, o autocolante grita “apoyo a la huelga feminista”. Pilar mantinha os olhos concentrados nos seus dedos inquietos que despertavam palavras. Escrevia visto que naquele fim de tarde faria uma intervenção sobre José, assim se refere ao marido.

Um cravo de Abril num nicho da estante habitada por livros e mais livros. Nas suas capas se vê e lê José. Numa das paredes escarlates, a foto de um final de noite, o José de Pilar, um cantautor espanhol e um jornalista mexicano entoaram versos em co-ro, de braços e sorrisos abertos.

No escritório, um painel com a imagem de Saramago ofusca a enorme janela de inspiração manuelina que se abre sobre o jardim. São pois os olhos de José, na direção da entrada, que guardam quem segue para a sala. É verdade que Pilar não precisa de quem a proteja mas o amor tem dessas coisas. E o amor transborda em carmim no seu gabinete. A cumplicidade se consubstancia em e palavras impressas que se vão fixando nas paredes do escritório vermelho.

Pilar foi interrompida pela urgência de uma das mensagens que invadiam o seu telefone. Distraiu-se por instantes. A frase “si no aporta, aparta”, escrita em jeito de le-ma, com caneta encarnada e a sua caligrafia, colada na estante por detrás da sua mesa, fez com que regressasse depressa ao texto.

Precisou consultar uma obra para confirmar uma referência, levantou-se em busca do livro. Ouvi então o meu nome dito na sua voz, entregou-me uma revista para as mãos com um artigo sobre a história secreta de Amália Rodrigues que começava com o episódio revelado pelo José de Pilar no dia da morte da fadista: a artista fazia doações em dinheiro para o partido comunista e ajudava às famílias dos presos políticos dupla-mente condenados à mais terrível miséria.

Sem arredar da poltrona, o sol já me alcançava e encandeava, me demorei bastante na leitura. Lia e esperava, fingindo não me incomodar a luz que doía nos olhos nem estar avassalada pela minha permanência na sala. Continuava reparando nos detalhes que explodiam por toda parte. So-nhei um dia também ter um escritório tão vermelho enquanto aguardava sentada até ao último momento de deixar o gabinete. A liberdade respirava-se com tamanha força naquele cómodo que apenas a palavra generosidade me abrangia. Àquela altura, a vermelhidão igualmente se apoderara dos meus ossos como se outra cor em todo o universo não pudesse se ocupar de mim.



Agora o Sócio Gerador
vem com o cartão para
a cultura portuguesa.

+ experiências
+ descontos
+ assinatura
Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

c.

a

ANDREIA BRITES

r

x

a

*para
guardar
o vazio*

*Uma caixa de madeira de grandes dimensões convida o visitante a entrar. Ou, ao invés, apresenta-se fechada sob a forma de cubo para que todos acompanhem e participem numa coreografia de descoberta. Assim se fez a exposição/ performance **Caixa para Guardar o Vazio** que esteve patente na Culturgest no passado mês de Novembro. Susana Ribeiro dos Santos foi a programadora e conversou com a Blimunda sobre o projecto.*

***caixa* A performance.** As famílias são convidadas a descalçar-se e a entrar na sala. Quando dá as boas vindas ao grupo, Susana pergunta-lhes como será a caixa para guardar o vazio. A antecâmara não lhes permite ver o objecto que os espera. As crianças referem materiais, entre os quais o metal e o vidro. Tamanho? Pequena. Quando finalmente todos deixaram sapatos, casacos e sacos, espera-os um tapete e um cubo de madeira, muito maior do que todos em altura e onde o grupo poderia entrar em conjunto. Não há portas, janelas, orifícios. Só madeira sem verniz e linhas que antecipam vértices que se poderão abrir. No tapete, Hugo Mendes dá início à coreografia. Não há música, só corpo e movimento. A geometria chega pelas medidas que o bailarina tira ao seu corpo e aos de quem assiste, expectante: linha, ponto, círculo; braços, nariz, pernas, cabeça. Silêncio e espanto. Som dos pés a aterrar no chão. Som do corpo a chegar à caixa.

Ao longo de sessenta minutos o bailarino vai explorando cada um dos lados do cubo, convidando o grupo a deslocar-se com ele. Do tacto surgem pistas que se desvendam com jogos de força e perícia. Nova surpresa: a caixa não está vazia. Do que é possível observar de fora, e essa observação quer-se sempre incompleta, perspectivada por um orifício, uma passagem, um espelho, eventualmente. Outro corpo



caixa vai-se desvelando. Mas corpo segmentado: um braço, uma mão, uma perna... Ver os membros assim, sem contexto, obriga o participante a desligar aquela parte de uma coerência que é o próprio corpo. Um braço ou uma perna que se evadem de um círculo ganham outras formas, podiam estar agregados a qualquer um ou uma. Orientam crianças que se posicionam, gesticulam, oferecem apoio. Fechar os olhos para dormir, para pensar, para o vazio? Os mais novos percebem que o código é outro e os olhos expandem-se de espanto e interrogação. Há quem se refugie no colo seguro de quem conhece e reconhece.

caixa Outros querem ver mais, chegar ali, mas sabem que terão de seguir o seu guia, sem subverter esta relação de convite sem anúncio prévio.

Finalmente a caixa abre-se e todos entram. Entre estruturas móveis, traves e um chão de ripas com um espelho por baixo, uma bailarina (Sofia Portugal) revela-se aos presentes e a metonímia misteriosa desvenda-se nas formas daquele corpo, daquele sorriso, daquele movimento novo que trepa, salta e desliza, a solo ou em diálogo com o par.

Saem da caixa e regressam ao tapete para o momento coreográfico final. Tudo termina onde começou mas nada é igual. Uma menina sintetiza: "Era um espanto. Quando pensávamos que ia acontecer uma última coisa e que ia ser super interessante vinha mais uma e eram muitas surpresas!»

Desmontar a caixa. A escultura de Fernanda Fragateiro não foi concebida agora nem tão pouco para a Culturgest. Na verdade, tudo começou em 2005, quando Miguel Honrado desafiou a artista plástica a criar uma escultura. Fernanda Fragateiro, que muitas vezes trabalha o conceito do espaço, decidiu criar uma caixa enorme de madeira e desde logo dar-lhe uma marcada sensação orgânica através de uma exploração coreográfica, para a qual convidou Aldara Bizarro. Desde logo quer a escultura quer a performance



caixa tinham como claro que o público infantil deveria ser privilegiado neste diálogo, muito embora isso em nada excluísse o público adulto.

Quase passada uma década e meia a Culturgest repõe, pela primeira vez no seu espaço, a peça e a coreografia. A responsabilidade da escolha coube a Raquel Ribeiro dos Santos, programadora de Participação, Famílias e Escolas deste equipamento desde 2004. "A vontade de trazer a Caixa para a Culturgest tem muito a ver com o interesse que tenho por estes lugares híbridos que convocam todos os

caixa públicos independentemente da idade ou da sua diversidade funcional e que acolhem como bem vindas todas as possibilidades de interpretação. A Caixa transforma o espaço físico, é um lugar híbrido de convite ao encontro entre seres humanos mas por via da performance é também uma proposta diferente à sociabilização e inclusivamente à experiência da obra de arte. Não tem som, não tem desenho de luz, não tem um início e um fim delineado com os blackouts habituais."

Raquel Ribeiro dos Santos programa o que na maioria das instituições culturais se designa por serviço educativo. Contrariando essa lógica muitas vezes tentada pela escolarização, na Culturgest a programadora intervém em dois núcleos: o da participação e o das famílias e escolas. Sendo o segundo mais comum, em que se oferecem espectáculos de palco para a infância e juventude, é no primeiro que Raquel considera que a Culturgest se afirma de forma inovadora. Ali se convocam todas as faixas etárias a intervirem ativamente criando um objecto em diálogo com um artista profissional. «No caso da Caixa, ela encontra-se nos dois eixos porque por um lado convida à participação por via da interpretação, sobretudo quando está exposto como objecto escultórico; quando é ativada por via da performance ela liga-se ao eixo de programação para famílias e escolas.» Quando a performance não acontece a caixa tem uma forma

caixa de estar estacionada que é aberta e convida permanentemente as pessoas a apropriarem-se daquele espaço/objecto de acordo com todos os desejos e possibilidades que encontrarem ou descobrirem através da exploração. Podem espreitar, entrar e sair, traçar rotas, sentar-se, deitar-se, tocar, cheirar, olhar, ouvir. Nesse sentido, a escultura e a performance são paradigmáticas do ideário que rege Raquel. «Penso não estar a ser muito injusta quando digo que em Portugal não há muita programação que convide à ativação do corpo e mente do espectador. Temos uma prática



caixa de contemplação e de estar sentado que não tem mal nenhum. Já diria Rancière em *O Espectador Emancipado* que por se estar sentado não significa que não se tenha a cabeça a funcionar. No entanto há um grande conjunto de artistas que estão a trabalhar de forma muito interessante no convite à ativação do público como parte integrante da criação e não há muitas casas em Portugal que estejam coerentemente no tempo a trabalhar com estes artistas e com estes objectos híbridos.»

Os públicos que visitam a Caixa para Guardar o Vazio são díspares, de adultos a crianças que a exploram enquanto objecto escultórico até aos grupos escolares e famílias que aderem às sessões de performance agendadas para dias e horários específicos. Do que vivem, Raquel sintetiza experiências e comentários. «Muitas vezes surge essa analogia de que o vazio não é silencioso e que, embora a performance seja em silêncio, traz tudo menos isso. Para citar um exemplo de hoje, um grupo de adolescentes dizia que se entrava ou saía da caixa como quem cruza a vida. Não se está sempre da mesma forma, não se está sempre no mesmo lugar e aparentemente é vazio quando não o é. A caixa funciona como um convite a estarmos juntos através de outra linguagem, no silêncio, não sentados como é habitual no teatro, as convenções são diferentes. Nos



caixa mais novos isso nota-se muito. Eles ainda não sabem, ou aparentemente não sabem, estar juntos no silêncio e aquilo que temos percebido é que sentem algum desconforto nos primeiros dez minutos, e depois (o corpo aprende rápido) uma consciência clara de que não vamos falar. Vamos sorrir uns para os outros, vamos trocar olhares, vamos rodeando a caixa à medida que vamos sendo convidados para o fazer... Tem sido uma experiência muito intensa com os públicos mais novos. Outro exemplo que me marcou muito: o chão da caixa é ripado e o fundo é em espelho, e os públicos mais novos apercebem-se que ela

caixa produz uma espécie de ruído associado àquela métrica das ripas. Não há um grupo de pequeninos que não se aperceba que isso acontece mesmo quando a performance não os direcciona para essa experiência sensorial. É incrível ver como eles experimentam a caixa na sua totalidade mesmo quando os bailarinos não os convidam a fazê-lo.» Antes de entrarem Raquel pergunta a todos os grupos de que tamanho imaginam que seja uma caixa para guardar o vazio. A resposta é sempre a mesma: «Todos nos dizem que é muito pequenina. Não o é. Mas quando estás a chegar à terra como os mais novos estão não há muito espaço para o vazio, tudo é preenchido. Sobretudo nestas novas gerações em que o tédio tem muito pouco lugar, o vazio ainda é um lugar por aprender.»

Participação. Houve um professor de desenho que contactou a Culturgest para levar a sua turma e dar uma aula dentro da caixa. Não é ninguém que colabore com outros projectos de participação. Apenas um espectador que viu no objecto uma oportunidade de apropriação de um grupo. Em contraponto, um dos grupos de adolescentes da Culturgest, que se reúne regularmente no âmbito de um projecto de filosofia, resolveu aproveitar para o fazer dentro da Caixa e não numa das salas que normalmente lhes serve de espaço de encontro e discussão.



caixa A participação dá frutos e leva a estas contaminações entre públicos diversos. Raquel chama a atenção para a especificidade de quem responde às iniciativas de participação, lançadas sempre através dos canais de comunicação da Culturgest: redes sociais, newsletter, agenda. Normalmente os grupos têm de ser pequenos e as relações que se estabelecem são de grande proximidade. Os adultos são acérrimos espectadores sedentos de experienciar a criação artística. O mesmo se passa com os adolescentes. Um dos grupos reúne-se para debater a programação e

caixa arte contemporânea no geral e acontece que muitos ficam cada vez mais interessados pela área, seguindo a sua formação superior na área das artes ou chegando a estagiar na Culturgest. Independentemente do seu percurso académico ou profissional, quase todos se tornam espectadores muito mais regulares da programação da casa. Raquel partilha ainda uma história singular e paradigmática desta lógica de transferência, contaminação e mudança: «O Hugo, um dos bailarinos que faz a performance da *Caixa para Guardar o Vazio* começou com um projecto de participação. Foi um dos participantes do primeiro projecto *Pedra*. O *Pedra* é um projecto para adolescentes que convida coreógrafos da nova dança portuguesa para partilhar o seu repertório. O Hugo teria cerca de dezassete anos quando soube do *Pedra*, naquele ano com a Clara Andermatt, fez a audição, entrou para o primeiro grupo e fez a apresentação no Porto. Acho que estava no primeiro ano da Escola de Dança. Passaram estes anos e comunicámos com todos os participantes no *Pedra* para lhes dizer que havia uma audição para a *Caixa*. Nunca disse à Aldara que o Hugo tinha começado connosco. Ele agora tem vinte anos, fez a sua formação em dança e a Aldara achou que ele era digno da sua confiança e seleccionou-o. Aqui estamos nós, já numa relação profissional.»

fotografias Culturgest

AND THE WINNER IS...



Prémio Internacional de Serpa para Álbum Ilustrado

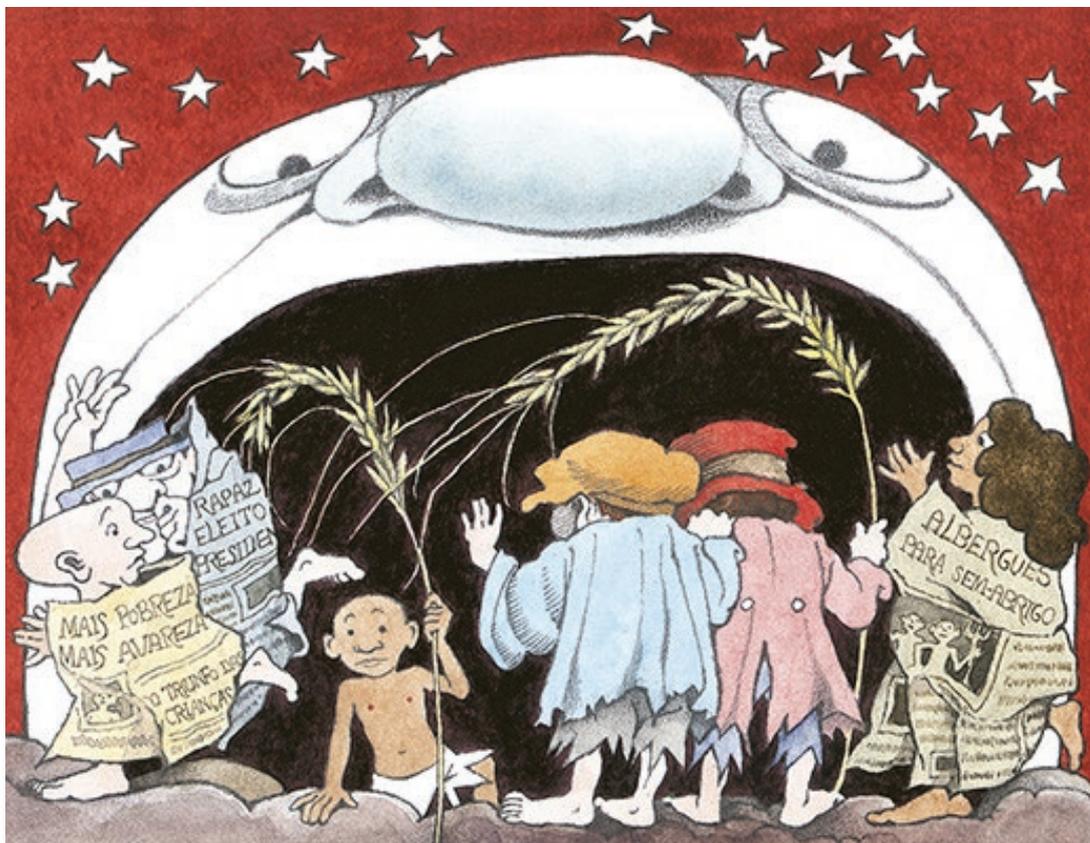
***Ñam*, Nuria Pocero Malaga**

O projeto da espanhola Nuria Pocero Malaga venceu por unanimidade a 3.^a edição deste prémio bienal, promovido pela editora Planeta Tangerina e pela Câmara Municipal de Serpa. A edição original do álbum ficará, de acordo com o regulamento, a cargo do Planeta Tangerina e sairá em Abril do próximo ano. O júri destacou o ritmo, a relação consistente entre texto e imagem e o humor, para além do poder da composição gráfica como argumentos distintivos de *Ñam*.

Passadas três edições e seis anos, o número de participantes a concurso, assim como os seus países de origem têm vindo a aumentar, alimentando novas vozes e uma internacionalização cada vez mais notória dos projetos editoriais portugueses.

ESPELHO MEU

ANDREIA BRITES



Estamos todos na sarjeta com João e Rui Maurice Sendak Kalandraka

Se a edição de *Onde vivem os Monstros* veio colmatar uma falha fundacional da literatura infantil e do álbum na cultura portuguesa, o facto é que Maurice Sendak não para de surpreender. Mais do que a reiteração da sua qualidade enquanto autor, este álbum datado originalmente de 1993 traz um desconcerto perturbador. Quando o lemos há algo que não parece encontrar equivalente, nenhuma perífrase

ou teoria soa suficiente para descrever o assombro desconfortável da obra. Quando assim é, estamos perante o novo, aquilo para o qual ainda não existe uma estrutura de pensamento organizado. Hipérboles à parte, Sendak cruza e ilustra duas supostas canções de embalar, transformando o parco texto numa narrativa aterradora. O contexto é o da rua, da miséria, do estar sem abrigo. Ainda, os protagonistas são crianças. Não se pense porém em discursos comovidos ou solidários. A fealdade dos corpos é realçada pela sua disformidade nos gestos, nos movimentos, nas expressões, nos trajas andrajosos. No grupo, João e Rui parecem ser privilegiados em relação à aterrada criança, raptada por ratazanas gigantes de dentes e garras em riste. A perseguição aos meliantes animais tem o seu quê de ambígua e aparentemente apenas a Lua manifesta o seu desagrado moral. É aliás graças à sua intervenção que João e Rui reencontram o menino raptado num campo de centeio junto ao orfanato e ao forno (crematório, presume-se). O volte face em relação à criança dá-se através do diálogo entre o par e a decisão de o adoptarem surge inesperadamente.

Tudo se assemelha a um quadro surrealista ou expressionista, em que a razão se oculta perante o instinto, a loucura da liberdade e da ausência de ordem. Todavia, há interpretações mais profundas que elevam o sentido da obra para um nível de compromisso social e ético relevantes e corajosos. Um dos exemplos reporta aos títulos das notícias ou publicidade nas folhas avulsas de

jornal com que os sem-abrigo se cobrem dão conta da injustiça social. Outro à inscrição da palavra SIDA. Ainda o trocadilho (que em português se perde um pouco) entre um balão de fala com a expressão tramados (trumped) e uma torre que remete para Donald Trump, à época um milionário que afrontava a fortíssima crise de habitação e emprego que assolava os EUA no início da década de 1990. Finalmente, a dupla de rapazes assume o cuidado da criança, alimenta-a e dá-lhe colo. Adota-a, como fazem as outras pessoas. As de bem. Sejam quem forem. Não esqueçamos que corre o ano de 1993 e que estamos a ler um álbum ilustrado.



O Esperto e outras histórias

Ana de Castro Osório

Fábula

Em boa hora se reeditam estas narrativas curtas de pendor tradicional e moral outrora escritas por Ana de Castro Osório. A primeira edição da obra em livro data de 1991, pela entretanto extinta Terramar, tendo saído das livrarias há bastantes anos.

Para além do registo cuidado, a atenção ao vocabulário específico e o ritmo imposto por uma estrutura em tudo semelhante à de outros contos tradicionais fazem deste livro um modelo da escrita e dos temas trabalhados pela escritora.

O volume conta com cinco contos de dimensões generosas, onde o maravilhoso tem lugar de destaque na evolução da intriga, associado enquanto elemento adjuvante do protagonista normalmente em apuros devido a maldades alheias. A bondade, a generosidade e a ingenuidade pautam o comportamento de uns, em relação antitética com a inveja, a ganância e a crueldade de outros. Nada de ambíguo se pode apontar a ninguém, assim como a moral se apresenta sempre clara em sintonia com o final feliz. O perdão como forma de superioridade moral e o arrependimento que leva à auto-punição marcam essa lógica moral inequivocamente. O provérbio popular e moral Os males que vêm por bem assenta que nem uma luva nos contos «História do Príncipe Encantado

no Palácio de Ferro no Reino da Escuridão» e «O Leão de Ouro».

Palácios, casebres, florestas ou castelos servem de cenário em lugares fora da geografia real e em tempos imemoriais, como compete à tradição do conto maravilhoso. Há feitiços, animizações e referências a outros textos, de forma mais ou menos explícita. As botas de sete léguas são um exemplo claro mas também o Leão de Ouro, construído oco com a intenção de garantir esconderijo à menina pode remontar para o cavalo de Tróia de Eneida, o poema épico grego.

A leitura destes contos, pontilhados com as ilustrações detalhadas e sugestivas de Luís Manuel Gaspar, alimenta um imaginário rico em dramas, pequenos terrores, antecipações e recompensas morais. Por um lado cumpre com mestria a condição literária do texto, por outro acentua uma crença moral profundamente alicerçada na culpa judaico-cristã, numa humildade transformada em submissão e numa recompensa final por todos os sacrifícios passados sem responsabilidade. Estes contos também são fruto de uma época e revelam uma dimensão social e política do país no primeiro terço do século XX. Não esquecer que Ana de Castro Osório foi uma das mais destacadas feministas e sufragistas portuguesas da época.



Sara
ma

*Ler José
Saramago
numa
perspectiva
de género*

g
u

Pilar del Río

ana

***Além da conversa
das mulheres,
são os sonhos que
seguram o mundo
na sua órbita.***

Mulheres e sonhos: é o material desta comunicação, que se deve à generosidade e ao atrevimento dos organizadores do congresso, que sabem, como eu sei e reconheço em público, que o meu lugar é aí, em frente, aprendendo. Em qualquer dos casos, obrigada por essa valentia.

O

escritor escreve o livro, mas cada leitor lê o que quer ler. Deste modo, haverá quem fique com as paisagens descritas na obra que tem nas mãos – «o que mais há na terra, é paisagem» —, outros optam pela música que às vezes se ouve nas páginas de certos livros e há também aqueles que preferem recriar-se em dinastias inverosímeis, nas árvores genealógicas ou nos acontecimentos supostamente heróicos que são narrados. Há também quem procure os gerúndios numa obra literária e dedique tempo e esmero a esse assunto, ou quem cadencie a sua respiração no ritmo da escritura, ou quem, como um detetive ou um juiz, se empenhe em procurar possíveis falhas que o autor possa ter cometido, sobretudo se o autor se inscreve na estirpe dos que, usando a sua livre vontade, decidem ignorar códigos que não são, em absoluto, de cumprimento obrigatório. Por isso, fazendo uso da minha pessoal e inalienável liberdade, leio hoje e aqui José Saramago a partir de uma perspectiva de género que foi a sua e também é a minha. Perspectiva de género, fruto da observação do mundo e da formação que foi adquirindo, ou foi criando, passo a passo, até às

últimas horas de vida. Esta perspectiva era consequência de se sentir humano, muito humano e, portanto, com capacidade para usar a razão e a consciência, os dois atributos que distinguem a nossa espécie dos restantes seres vivos. Razão e consciência. Usando esses elementos fundamentais não tinha mais remédio senão encarar a liberdade das mulheres enfrentando todos os patriarcados, normas e imposições que fazem como que sejamos lidas, e que nós, mulheres, também o façamos, como seres de dependência. Nunca aconteceu assim em José Saramago, nenhuma das mulheres que atravessam a sua obra são sujeitos pacientes, todas assumem a sua própria vida com a inteireza e a vitalidade de quem sabe que é preciso construir-se de forma firme e sólida se não queremos ser apagadas da vida ou permanecer nas margens da História, como parideiras, ou descanso de guerreiros, musas absurdas ou abnegadas cuidadoras. O mundo é mais do que os seus pretendidos centros, José Saramago sabia disso e não foi cúmplice nem um só segundo da atrocidade patriarcal.

Estamos em Mafra e trata-se de falar do Memorial do Convento, de modo que não me adentro por paisagens distantes. Permitam-me, no entanto, que pronuncie alguns nomes que enchem o meu coração de leitora de José Saramago:



Lídia, de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, capaz de falar com a sabedoria que a sociedade lhe havia negado ao impedir-lhe a instrução;

Maria Sara, de *História do Cerco de Lisboa*, que encoraja o revisor para que ele escreva a sua própria história, porque os papéis sociais não estão estabelecidos por nascimento;

A Mulher do Médico, de *Ensaio sobre a Cegueira*, sem nome, simplesmente esposa e, no entanto, capaz de ver num mundo de cegos e de usar a razão, sem desfalecer, diante da violência sistêmica da sociedade. Não se rende esta mulher admirável e fecunda – ainda que não de filhos, fecunda porque alimenta a sociedade –, pelo contrário, responde diante da violência, enfrenta-a até às últimas consequências, morrer ou matar, movida pelo extraordinário sentido de compaixão, não pela ambição de mandar, que está na origem de todos os conflitos.

Lilith, de *Caim*, expressão do mal, primeira esposa de Adão, criada ao mesmo tempo que o homem, não de uma costela, como Eva, e repudiada de todos os livros chamados sagrados porque preferiu abandonar o paraíso antes de aceitar, nas relações carnais, a posição ditada por Adão, ou seja, por baixo do homem. José Saramago escolheu Lilith para expressar não o bem ou o mal, que seria algo simplificador, mas sim a possibilidade de outra história.

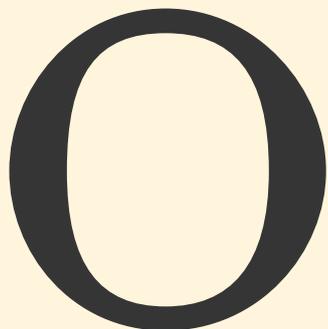
Cito só um nome mais, ocultado ou utilizado na história oficial em função de interesses de igrejas ou de culturas para manter vivos certos mitos e hierarquias: falo de Maria Madalena, mulher — a da tradição religiosa — capaz de decidir por si só, prerrogativa que nenhum exegeta lhe pôde negar e por isso talvez a sua figura tenha estado tão apagada no cristianismo ao longo dos séculos.

O personagem que José Saramago criou a partir dos evangelhos canônicos para o seu *O Evangelho segundo Jesus Cristo* tem carne e tem alma, assemelha-se mais à amante a quem o ressuscitado aparece em primeiro lugar, como conta o Novo Testamento, que à figura que a igreja colocou em altares secundários. Maria Madalena é a cúmplice de Jesus Cristo, é quem o ensina a amar o seu próprio corpo para assim poder entender os corpos — ânsias e desejos despertares — dos seres humanos que Jesus pretendia defender das investidas dos dogmas e dos sectarismos. Maria Madalena pode dizer, e diz, as mais belas palavras porque é livre. José Saramago somou a sua liberdade à liberdade que o personagem bíblico lhe inspirava, e nós, leitores, também ganhámos com essa valente iniciativa.

Sobre o Memorial do Convento já se disse tanto e tão bem, e dir-se-á tanto e tão bem nestes dias, que o mais sensato seria calar-me: não sou académica, não sou especialista, sou apenas uma leitora que lê a partir das pessoais e intransferíveis circunstâncias que são, repito, não aceitar a existência de um género capaz de nomear Papas e Reis e outro que deve mansa e submissamente obedecer «como Deus manda» e os preceitos sociais indicam. A partir desta posição encarei a leitura de Memorial, um livro no qual cabem todas as pedras da que está levantado o edifício que nos alberga, também a biblioteca desta casa e as obras que ela acolhe, os suspiros,



as penas e as alegrias que aqui existiram: é o privilégio dos livros, ser tantos como leitores haja, serem expansivos e íntimos, grandes ou tão concretos que podem caber em cada coração.



Rei visitará a Rainha: a fábrica de Reis deve funcionar. Não o amor, José Saramago não se engana, para o amor há outras circunstâncias, homens, mulheres, o poder, que tanto estimula aqueles que se crêem principais. Algumas páginas depois, enquanto na corte continuam os enredos e traições, aparece uma personagem que estes dias dei por identificar como [sendo] Fernanda Montenegro na magnífica foto em que a atriz brasileira aparece amarrada a um poste, a ponto de ser queimada numa pira de livros. Como terão visto, a foto, que circulou nos meios de comunicação do mundo todo, está acompanhada por uma legenda: «Salvem os livros. E as bruxas» que é, por si só, um manifesto de liberdade contra o obscurantismo. Pois bem, vejo Sebastiana Maria de Jesus, mãe de Blimunda, condenada por bruxaria, no corpo de Fernanda Montenegro, corpo e espírito, «cópula directa de mim comigo mesma», pensamento que o autor atribui a Sebastiana, indomável mulher capaz de contrariar todas as normas. Ela, a bruxa que caminha até ao desterro, gere o dever de cuidado para que a filha, Blimunda, poderosa como ela, não tenha de arrastar o peso da solidão. E pergunta a Blimunda pelo homem que

está ao seu lado, dando assim lugar à história de amor e respeito que deslumbra os leitores. «Que nome é o seu», pergunta Blimunda, com autoridade para perguntar e para que Sebastiana, à distância, antes de embarcar rumo a África, de onde não voltará, saiba que será com Baltasar Sete Sóis com quem comerá a sopa quotidiana e na mesma panela, que usarão ambos a mesma colher, dividirão a cama e com o seu sangue, o sangue impuro das mulheres, Blimunda marcará uma cruz no peito de Baltasar, grande irreverência, sacrilégio, pecado repugnante, que, no entanto, entendemos como o princípio de uma lealdade que nenhum código poderá quebrar. É a mulher quem oficia essa cerimônia, não o homem, assim a retratou o autor e com isto deveria ficar tudo dito sobre a posição do escritor.

Blimunda vê o interior das pessoas como nenhum padre ou mestre dos que povoam as páginas do Memorial. Dona de uma poderosa inteligência emocional e criadora, consegue ver se as pessoas têm vontades ou se já as deixaram arrebatadas na contínua fabricação de interesses que são os tempos que sucedem os tempos, marcados pelas mesmas dominações. Ela, Blimunda, não mercantiliza o seu dom, simplesmente partilha-o quando é necessário para que mulheres e homens possam voar, querendo elas e eles, «que seria de nós se não sonhássemos». E nesse estado de liberdade não há ocultação nem engano. Quando Baltasar e Blimunda



percorrem Lisboa para juntar vontades, ela dois passos adiante para não vê-lo por dentro, como combinaram, ambos sentem a dor de não se poderem contemplar livremente. À noite, «quando os seus olhos regressarem à comum humanidade», diz o autor, Baltasar sentirá o seu corpo muito cansado, mais por não ter sido olhado do que pela caminhada do dia e pelo sofrimento de ver os que morrem e os que enterram. Fica assim expressado, e de forma contundente, o valor do olhar salvador das mulheres. E do amor: olharem-se era a casa de ambos, fica dito neste livro. Eles, Baltasar e Blimunda, não precisaram de um palácio no tempo da suas vidas, nem agora, na memória. Basta saber olhar. E olhar-se.

Enquanto isso, enquanto o casal Blimunda-Baltasar reinventa-se na construção de uma máquina para voar, com a música de Scarlatti como sustento e a imaginação do padre Bartolomeu como estímulo. A rainha de Portugal, Dona Maria Ana Josefa, irá engendrando descendência submetida aos códigos impostos, como mulher e como rainha, sem vontade, frustrada e submissa, aliviada somente nas orações e em alguma queixa ou reflexão que se permite ter com a filha, a Infanta: «Nascer é morrer, Maria Bárbara». O autor confronta formas de vida, diz, irónico, que Dom João vai ter que «contentar-se com uma menina», e permite-se transcrever, irreverente licença poética, a declaração da rainha ao cunhado, o Infante Dom Francisco, que a pretendia diante da previsível morte do Rei Dom João V: «Acha então vossa majestade que eu seria pior marido que meu irmão», pergunta o infante, «Maus são todos os homens, a diferença só está na maneira de o serem», responde a rainha, que um dia

sonhou em ter amores com o cunhado e desistiu depois, quando entendeu que era o poder o que o infante desejava, não a sua compreensão. E os sonhos não ressuscitam se o despertar foi tão mau, afirma José Saramago, concluindo o retrato das relações da corte que utiliza para estabelecer as diferenças entre o modo patriarcal vigente — antes e agora — e a liberdade que sugerem ou propõem as suas personagens femininas, Blimunda entre elas. Não se trata de uma inversão de valores, claro, a mãe, a virgem, a rainha, frente à insubmissa, a bruxa, a livre, senão outra forma de contar em que a misoginia que cruza tempos e culturas é tão evidente que se torna inaceitável. Para as personagens femininas de José Saramago a maternidade não é um dom — nem Blimunda nem Maria Madalena são mães, tão pouco Maria Sara ou a mulher do médico, por citar nomes já mencionados — nem a virgindade é um privilégio a ser venerado, «virgem e mártir», uma espécie de título ou declaração de santidade que justifica uma vida. As mulheres dos livros de José Saramago vivem em harmonia com os seus corpos e talvez por isso tenham tanta importância. Não se inscrevem no «eterno feminino» menosprezado pelas feministas do mundo, ao contrário, no relato de José Saramago observa-se uma alteração rotunda de papéis que nada tem a ver com as posições de gloriosos poetas, pintores e escultores, que usam as mulheres como objetos para expressar as suas capacidades artísticas, pintar, esculpir, descrever os seus sentimentos, não para partilhar o pão, a direção do mundo, o direito a contar, a pintar, a compor música, a ser. José Saramago estava de acordo com Virginia Woolf na necessidade de Um quarto só para si, também na urgência de superar as linhas impostas



pelo patriarcado, tão zelosamente protegidas pelas distintas inquisições e mitologias.

As figuras escolhidas por José Saramago, Lilith, Sebastiana de Jesus, Blimunda, Maria Madalena são, de alguma maneira, representações do mal, embora no caso de Maria Madalena tenha sido moderadamente recuperada. A essas personagens criadas ou recriadas por José Saramago juntam-se outras figuras que, sem o caráter simbólico das mencionadas, são mulheres livres, agudas na sua percepção do mundo, donas de uma voz, portadoras de um remédio de que o planeta necessita, e de que forma. No caso de *Alabardas*, obra inacabada, embora completa (sabem disso aqueles que a leram), outra vez uma mulher, Felícia, e não Berta, nome que lhe deram e que ela mudou pela sua posição pacifista, é a dona do relato de ruptura e de autoridade. Essa obra, segundo consta nas notas do autor publicadas com o romance, terminaria com umas palavras que José Saramago anunciou que seriam as últimas que escreveria em vida. E seriam pronunciadas por uma mulher. Diante da reincidência do mal, da fabricação de conflitos para a utilização das armas que se fabricam, da justificação dolorosa do negócio da destruição, escreve o nosso autor numa nota de 16 de Setembro de 2009: «O livro terminará com um sonoro “vai à merda” proferido por ela. Um remate exemplar.» Ou seja, as últimas palavras que José Saramago escreveriam seriam um sonoro «vai à merda». É curioso que uma obra literária que culmina com esse «remate exemplar» contenha também duas mortes violentas, que não quero classificar de crime ou execução. Falo de duas mortes provocadas por duas mulheres: Blimunda mata o padre que a quer violar, e fá-lo sem

remorso, a Mulher do Médico mata o cego da camarata que organiza as violações em grupo no mundo dos cegos, também sem remorso. Nem o assédio nem a violação são permitidos, isso fica claro na obra saramaguiana.

Nos últimos anos de vida, ao lado da literatura, que continuou a gerar livro a livro, fez-se também mais firme na sua posição feminista: José Saramago interveio em fóruns aqui e ali, juntou a sua voz a convocatórias de repulsa ou a projetos de mudanças de lei, emprestou o seu prestígio a uma causa que considerava urgente e superior, a liberdade e a igualdade das mulheres no mundo todo. Não era um moralista, a menos que revíssemos o conceito e entendêssemos por moralismo a defesa da ética da responsabilidade. A partir dessa posição ética construiu a sua obra, descreveu o mundo que recebeu de herança e levantou o monumento literário que conhecemos. Não foi devedor de correntes literárias ou ideológicas, a sua obra, toda ela, era uma meditação sobre o erro, uma impressionante interrogação, um lugar de humaníssimo entendimento. Sempre deixou clara a sua posição pessoal. Revolucionária? Não tenho medo nenhum de classificá-la assim.

Acabo: a partir das leituras que tenho feito e da minha condição de mulher militante da causa da emancipação, só posso agradecer a José Saramago que esteja ao lado das mulheres de forma tão profunda, e com tanta lucidez.

Que boas estrelas estarão cobrindo
os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosaramago.com



dezembro



LUÍS BARRA / VISÃO

Até 2 fevereiro *Resistir ao Idai*

Fotografias de um conjunto de fotojornalistas portugueses nos locais afetados pelo ciclone Idai, que devastou a província de Sofala, em Moçambique, em março deste ano. Porto, Centro Português de Fotografia. ▶



ALASKA, PEDRO Y FABIO. 1983 © PABLO PÉREZ-MÍNGUEZ / VEGAP

Até 16 fevereiro *La Movida: crónica de* *una agitación*

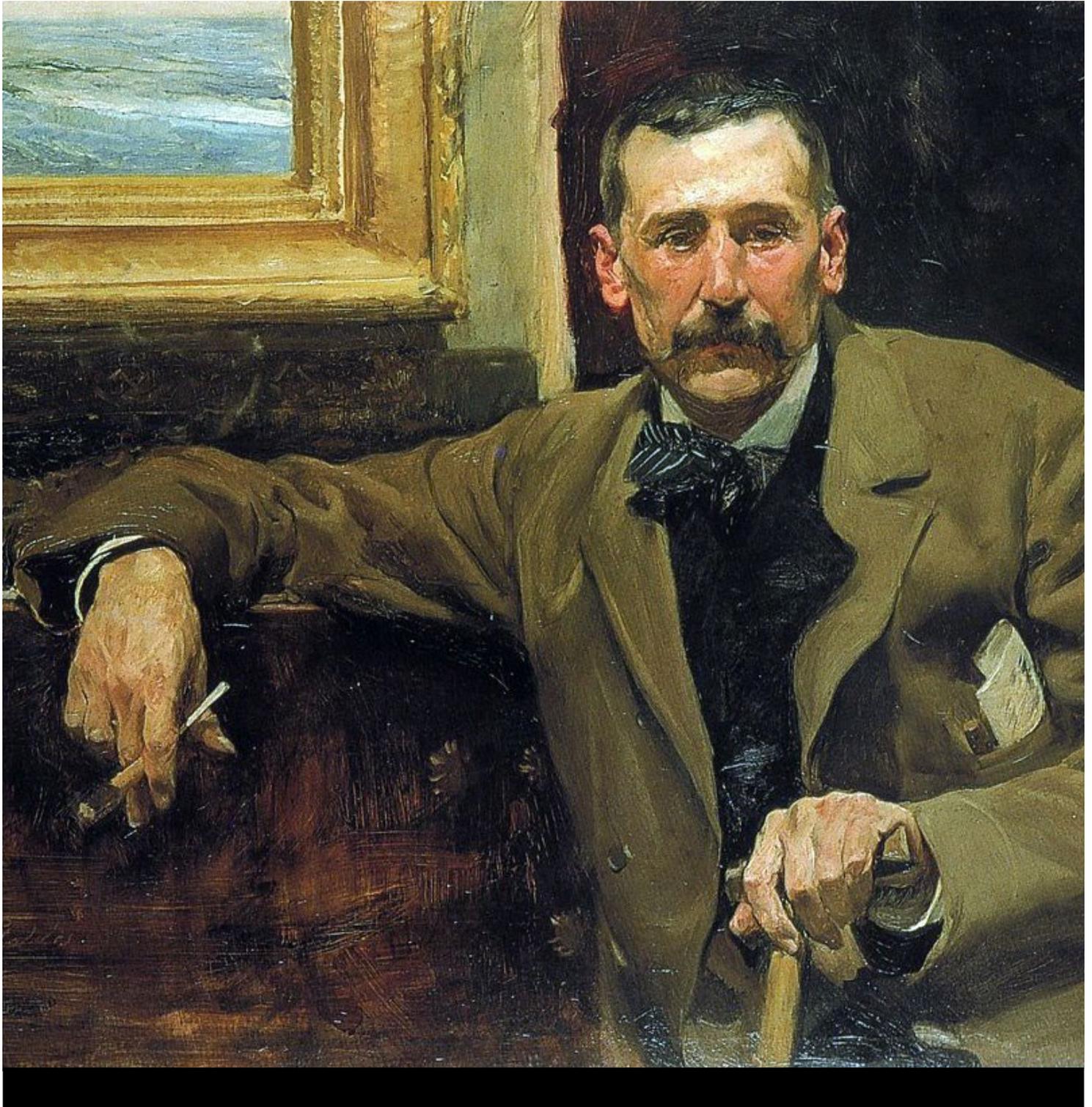
Uma exposição que evoca a Madrid dos anos 1980, entre fotografias, crónicas, pinturas e outros objetos que ajudaram a definir a movida e as suas transformações. Barcelona, Foto Colectania. ►

Até 16 fevereiro

Benito Pérez Galdós: la verdad humana

No centenário da morte de Pérez Galdós, uma exposição percorre a vida e a obra de um dos maiores escritores espanhóis de sempre.

Madrid, Biblioteca Nacional de España. ▶





Até 20 fevereiro
Orto di Incendio

Exposição coletiva que reúne trabalhos em gravura de vinte e sete artistas a partir do livro *Horto de Incêndio*, do poeta Al Berto. Lisboa, Museu Nacional de Arte Contemporânea. ▶

Até 12 abril

Brueghel, maravillas del arte flamenco

Mais de cem pinturas assinadas por elementos da dinastia Brueghel, numa oportunidade única para conhecer o percurso determinante da arte flamenga dos séculos XVI e XVII. Madrid, Palácio de Gaviria. ▶



Até 20 abril

Mário Dionísio: Pintura sem assunto, dirão os visitantes

Exposição de trabalhos de pintura de Mário Dionísio, construída a partir de um poema do seu livro *Memória dum Pintor Desconhecido* (1965). Lisboa, Casa da Achada – Centro Mário Dionísio. ▶



A mulher do médico voltou para o seu catre, mas já não se deitou. Olhava o marido que murmurava sonhando, os vultos dos outros debaixo dos cobertores cinzentos, as paredes sujas, as camas vazias à espera, e serenamente desejou estar cega também, atravessar a pele visível das coisas e passar para o lado de dentro delas, para a sua fulgurante e irremediável cegueira.

Ensaio sobre a Cegueira